

SATORI

HORÁCIO  
S  
T  
A

# SATORI

1ª edição  
Uberlândia - MG  
2019

o sexo da  
PALAVRA

# SUMÁRIO

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2019  
Curadoria: Fábio Figueiredo Camargo  
Projeto gráfico: Antonio K.valo  
Revisão: Luana Marques Fidêncio

C837

COSTA, Horácio  
Satori. COSTA, Horácio - Uberlândia (MG): O sexo da  
palavra, 2019.124 p.

ISBN: 978-85-93892-18-9

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Brasileira. 3. Poesia.  
1. Título

CDD: 869.9

CDU: 821.134.3(81)-1

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.  
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em  
vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

## CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim  
Ana Maria Colling  
André Luiz Mitidieri  
Andréa Sirihal Werkema  
Cíntia Camargo Vianna  
Cláudia Maia  
Cleudemar Fernandes  
Davi Pinho  
Djalma Thurler  
Eliane Robert de Moraes  
Eneida Maria de Souza  
Flávia Teixeira  
Flávio Pereira Camargo  
Joana Muylaert  
Karla Cipreste  
Larissa Pelúcio  
Leandro Colling

Leonardo Mendes  
Luciana Borges  
Maria Elisa Moreira  
Nádia Batella Gotlib  
Patrícia Goulart Tondinelli  
Paulo César Garcia  
Renata Pimentel  
Ruth Silvano Brandão  
Telma Borges  
Vinícius Lopes Passos

## CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo  
Leonardo Francisco Soares  
Ivan Marcos Ribeiro

UM ARCIMBOLDI TEXTUAL	10
O BAR DA SENHORA OLVIDO	16
SATORI	46
DA LEITURA	49
CORDAS	50
SOBRE O VAZIO	51
DENTRO É FORA	53
CONVITE	54
RETRATO DE MEMÓRIA	56
LA ROTONDA DE PALLADIO	57



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais  
Av. Cesar Finotti, 566/302 | Jd. Finotti  
CEP: 38.408-138 | Uberlândia - MG  
Tel: (34) 3084-3532  
CNPJ: 27.693.900/0001-18  
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

[www.osexodapalavra.com](http://www.osexodapalavra.com)

LA VITA	58	O RETRATO DE DOM LUÍS DE GÔNGORA	80
NOTURNO DA CIDADE DO MÉXICO	60	POEMA	81
VIAGEM DE NEW HAVEN A NOVA IORQUE	65	POEMA	82
SATORI	67	CORRESPONDÊNCIAS	84
ANIVERSÁRIO	70	ESTOU FARTO DE HUMANISMO, VIVA AGORA O PAN-COISISMO	86
KARAKORUM	72	A PAIXÃO DO VAZIO	89
ESCRITO ÀS SEIS DA MANHÃ	74	O BARCO BRANCO	90
TRÊS LARANJAS	75	CETRARIA	92
ESCRITO NA AULA DE JACQUES DERRIDA	76	FP ENTRA AOS JERÔNIMOS	94
CAULES DE VENTO	77	2 DE NOVEMBRO 2 DE FEVEREIRO	98
OS MESTRES	79	ESTADO DE GRAÇA	104



UM ARCIMBOL DI TEXTUAL

O prólogo ao Satori é não só a vida inteira, toda a realidade, mas também as existências anteriores, míticas, sonhadas pelo sujeito ou por essa alucinação persistente que considera como seu “eu”. Desses estados preparatórios só tem uma vaga consciência no sonho – na sucessão de imagens ao mesmo tempo prismáticas e desalinhavadas do sonho –, na escritura – o Diário esquecido e hoje recuperado convoca por si próprio, como um animal agradecido, expulso e aceito de volta, um éden das palavras, uma utopia verbal – e no amor – nesse Outro nos dissolvemos, até atingir como que um apagar da individualidade, o anonimato genético.

Se estes três estados, sonho, amor e escritura, nos fazem vislumbrar o estado absoluto do Satori, é porque neles a linguagem também se encontra em condição de precariedade: no sonho porque constitui, desconexa, precisamente sua matéria, sua madeira; na escritura porque se trata, antes de mais nada, de captar seu surgimento, de presenciar sua epifania ou sua retração; no amor porque sua luz zenital, ou seu êxtase, excluem-na por definição.

A linguagem do Satori é, como o esboça a destes três âmbitos, a que circunscribe o indizível, brusca agrimensura do não verbal.

No entanto, consignar o relâmpago do satori, dar conta, ainda que minimamente, de seu acontecer, só pode passar pela opacidade da palavra, pelo rudimento – dispêndio eloquente ou severa parcimônia – de um certo dizer.

Estes poemas são, pois, a cenografia da palavra transformada em seu próprio inimigo, em seu amante antípoda: o Outro do dizer. O poema avança sempre na diagonal, como um bispo, se detém, apela a todos os idiomas, cai, se incorpora, volta atrás, reflete, investe. Mas sempre consegue dar – nisso é exemplar a aventura de Horácio Costa – uma medida exata de sua turvação, unicidade que é seu esplendor.

Se nestes versos as arquiteturas reluzem, nácar ma-  
neirista, coral e ouro, como nas cidades oníricas e vazias de  
Antoine Caron; se uma luz de De Chirico cai sempre sobre  
os ostentosos monumentos, é porque a autoridade icônica  
da paisagem não aparece na página a não ser para sublinhar  
as ruínas da linguagem que a descreve, uma linguagem que  
enuncia o Outro possível, esse “louco numerável” que nos  
habita e cuja presença procuramos evitar com o meticuloso  
simulacro de nossa lucidez.

Livro da palavra sistematicamente desordenada, Satori  
nos conduz não à cena, e sim ao reverso de uma ópera: as vo-  
zes dispersas e múltiplas procuram apreender algo, um objeto  
fugidio e sem nome; os astros incandescentes na luz fóssil de  
uma galáxia ou as ilhas de um instável arquipélago, unidos  
por linhas pontilhadas, compõem lácteos centauros, atlantes  
desmesurados flutuando sobre o mar. Satori é como um es-  
peranto que funcionasse com a nitidez e a elegância de um  
silogismo negativo; o lúcido encadeamento de árvores minia-  
turizadas e de areias de diferentes texturas no jardim de um  
templo zen; um espantalho oratório; um arcimboldi sintático  
cujos fragmentos – palavras – são sempre reconhecíveis e não  
obstante conseguem integrar uma careta figural.


Satori é também um livro de iluminuras: brucas ilumi-  
nações, minuciosas miniaturas. Blecaute branco do ser.

*Severo Sarduy,  
Saint Léonard, 1, I, 88.*

*PARA MANUEL*



0 BAR DA SEN HORA OLV IDO



Ao meio-dia  
sol a pino banhando os monumentos  
e os arcos-de-triunfo  
pelas sombras existentes  
poucos, insinuates  
no repouso  
com os membros cansados  
eles  
sobrevivem na espera.

A velocidade é pequena  
a sua inda menor que a do sol  
o dia, longo  
as horas perpetram meridianos de chumbo  
a cidade,  
rodamoinho  
incompreensível.

Mais tarde  
o bulício desfaz-se  
deixando a certeza  
que a máquina volta a funcionar amanhã  
esvaziam-se as ruas  
o que era simples coluna  
adquire relevância violenta  
e a cabine telefônica  
surpreendente possibilidade de linguagem  
quando  
as árvores crescem em silêncio

aos pés dos monumentos despidos de altura  
e o pedestre nada vê além do muro lindeiro à calçada  
eles e elas  
— estas pessoas —  
na companhia dos que não voltaram para casa  
por não terem motivo  
ou não terem casa  
se põem em movimento  
para reunir-se no esquecimento do dia  
os meridianos, cristal finíssimo  
confundidos com a noite  
em algum lugar  
agora  
neste bar.  
Um vulto no caminho  
é promessa de grana  
ou de um amigo  
e um trago,  
uma torrente de histórias  
de geografia e romance livres  
ou de um freguês  
e uma cama, lençóis lavados  
além da imaginação.  
Vão escrevendo a noite da primeira  
às últimas horas. A promessa  
rara vez se cumpre. A perseguição  
do vulto, inócua, termina fatalmente  
passados alguns metros, e outros mais  
monumentos. Os pés estão acostumados:  
pari passu  
dirigem-se  
mesmo felizes  
para este Clube do Esquecimento.

Por madrinha, Nuestra Señora del Olvido.  
Por lugar aparente, digamos  
todos, incidindo o Aleph das cidades  
neste acaso em Barcelona. Por tempo,  
o que quiserdes.

Bêbados mendigos prostitutas  
desistentes desistidos  
marginais bandidos  
quase sempre dissidentes.

Houveram por bem chamá-los  
“loucos”.

Assim cognominados  
evitam que reconheçamos  
em nós próprios  
o Outro.